



O preço da transgressão

Leonor Scliar-Cabral*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Florianópolis, Brasil

leonorsc20@gmail.com

Neste texto, apresento momentos em minha trajetória poética em que teci meu libelo contra a interdição imposta à mulher judia de assumir o seu papel como cidadã, uma vez que lhe era vedado o *Bar-Mitzvá*, o que implicava não ser computada no censo, não frequentar a escola para aprender a ler e, conseqüentemente, não ter acesso à *Torá*, além de nunca poder usar os *tefilin*, o *talit* sagrado e ser considerada uma desgraça, se permanecesse solteira.

Os *tefilin*, também conhecidos como filactérios, são duas caixinhas de couro que guardam um pergaminho com quatro trechos sagrados da *Torá*. Um dos *tefilin* é amarrado por tiras de couro no braço, à altura do coração, enquanto o outro, bem no centro da testa é amarrado entre os olhos, seguindo preceitos rigorosos, todas as manhãs, sob rezas.

O *Bar-Mitzvá* é a cerimônia na qual o menino, aos treze anos, passa a ser considerado responsável por seus atos, com obrigações idênticas às do adulto, perante a comunidade. Na antiguidade, depois do *Bar-Mitzvá*, o adolescente podia até casar-se.

A cerimônia com as mesmas características, é celebrado quando a menina completa doze anos e foi instituído só recentemente, embora algumas facções mais conservadoras ainda não o aceitem. Na verdade, o igualitarismo é defendido pelos movimentos judaicos progressista que acredita que a mesma oportunidade de estudo e crescimento espiritual deve ser concedida a homens e mulheres.

Mas, como nasci em 1929, minha infância, adolescência e juventude não se beneficiaram do igualitarismo introduzido pelos movimentos judaicos progressistas e minhas transgressões continuaram de forma candente. Minha grande transgressão: casar-me com um não judeu. O preço dessa transgressão: um sentimento de culpa ao ferir meu pai, sublimados em versos.

Outra grande transgressão de que trato foi defender em versos o direito da mulher idosa ao erotismo, embora escudada sob um título em latim, mas, explico o contexto em que as transgressões tiveram origem: um lar judaico onde se cultivavam as tradições, com a racionalidade da descrença, bem como o contexto histórico de minha infância, nos livros e atividades escolares impostos pela ditadura de Getúlio Vargas na década de 1930, do século XX. Por fim, a transgressão se manifesta poeticamente ao

* Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo, Professora Emérita pela Universidade Federal de Santa Catarina, poeta e tradutora.



não aceitar, muitas vezes, as vozes dominantes. A figura literária mais empregada nos poemas, para expressar esteticamente os conflitos, inerentes às transgressões, são os oxímoros.

Desde criança, impressionou-me a diferença de tratamento dispensado aos meninos e meninas nos lares judaicos: o nascimento do varão, principalmente quando se tratava do primogênito, era saudado com louvores pelo pai, sem o mesmo entusiasmo, para não falar, às vezes, com decepção, quando era uma menina. Seguiam-se, então, os grandes preparativos para o *Brit Milá*, ou circuncisão da criança, oito dias após o nascimento, uma das cerimônias religiosas mais importantes do judaísmo, que simboliza o pacto ou aliança do recém-nascido, embora não consciente, com D'us por toda a vida.¹ É nesse momento que a criança recebe seu nome. Não há nenhum registro, nessa época, de qualquer cerimônia para celebrar o pacto com D'us quando o bebê fosse uma menina.

Veja-se, pois, o meu clamor na ode:

Lacre rompido

Livros sagrados para o bar-mitzvá,
cofre lacrado para mim, menina.
Sutis contratos procurei obter
sem desvelar-me.

Foi-me negada a iniciação, a luz
dos caracteres de papiro negros.
A melopeia do rabino flui
ao re-velar-me.

Rompido lacre, devassado céu,
afronta aos deuses, pedra que eu roubei,
entrada mísera, profano orgulho,
os véus rasgados.²

Minha maior transgressão, porém, foi casar com um *gói*. Foi tão grande o golpe causado em meu pai que, para não ter que presenciar o ato civil que referendava juridicamente a união e ter que sancioná-la com sua assinatura, pois eu tinha só dezenove anos, ele me emancipou. Só me livrei de um tremendo sentimento de culpa

¹ O hebraico não registra as vogais. Na grafia de D-us, nas menções religiosas no português escrito, há uma tentativa de preservar tal registro, não esquecendo que “u” representa uma semivogal e não uma vogal.

² SCLiar-CABRAL, 2006, p. 52.



por lhe ter amargado os dias, quando ele me perdoou, ao carregar nos braços o primeiro neto:

Para meu pai

Fumaça nos meus olhos, nevoeiro,
cortinas de infortúnio, tão pressagas,
a perturbarem os reflexos d'água
espelhando o balouço das palmeiras.

Da Oswaldo Aranha, amantes foragidos,
chegávamos ao lago por atalhos:
cardumes cobiçavam as migalhas
jogadas por soldados distraídos,

indiferentes à futura Ofélia
a boiar entre choupos e camélias
em busca do perdão na correnteza.

A vela onde está por ser acesa?
Talvez a menorá de quem espera
Se acenda tarda na terceira esfera.³

A terceira transgressão não foi sublimada apenas num ou noutra poema, mas num livro inteiro⁴ e não se limita aos preceitos judaicos, nem tão pouco somente à mulher, mas perpassa quase todas as culturas, embora afete mais a idosa: é uma transgressão que requer de quem a manifeste em versos a coragem de enfrentar um preconceito que acoima de imorais as fantasias legítimas que habitam um corpo já fanado. No poema a seguir, também denuncio as relações universitárias, resumida no oxímoro “pequenez importante”:

É mais um dia

O aroma de café
invade da cozinha os aposentos.
Hesito em acordar
entre a vida e o sonho,
inquieta nos lençóis desperdiçados.

Superpostas imagens,
fantasias obscenas e inconfessas
povoam a penumbra

³ SCLIAR-CABRAL, 2006, p. 32.

⁴ SCLIAR-CABRAL, 1998, p. 15.



numa fotofobia
que me prosterna lassa e preguiçosa.

Um gosto seco e amargo.
É mais um dia que se denuncia:
pequenez importante,
rotinas disputadas,
avisos conspurcando os corredores.⁵

O contexto familiar em que as transgressões tiveram lugar é um lar típico em que muitos judeus aculturados da classe média, no Brasil, embora cultivassem as tradições judaicas, particularmente a culinária e as grandes festas, como *Rosh Hashanah*, o Ano Novo Judaico e o *Pessach*, quando se comemora a narrativa do Êxodo, em que os judeus se libertaram da escravidão no Egito, atravessando o Mar Vermelho, adotam uma cultura laica, praticando o iídiche (variedade do alemão praticada pelos judeus da Europa oriental, como a Bessarábia, de onde proveio a família de meu pai) só entre os adultos e falando o português com as crianças. Professavam ideias de esquerda, às vezes, o anarquismo, mas meu pai, o socialismo. Meu pai acolheu em sua casa o então perseguido político, Jorge Amado, com a companheira Zélia. Esse contexto é descrito no poema “Shabat”, em que, em um lar judaico se cultivam as tradições, com a racionalidade da descrença:

Shabat

Para acender velas bentas nos dois castiçais,
aqui estou. Bruxoleiam no silêncio as almas.
Bem-vindos, anjos do lar, bem-vindos ao Shabat.
O mantel branco está posto e o pão trançado espera
que a mão secreta consagre o vinho abençoado
dos doces bagos sagrados, salmos de Davi.

Que o meu amado, querido pai, à cabeceira,
reze sua prece descrente em Jeová perdido!
Que minha irmã tão sofrida ao meu lado retorne,
acompanhando um coral de serafins e arcanjos,
pois do mais alto dos céus abrem-se todas portas
com seu canto. As cadeiras vazias aguardam
e virão logo os amigos partidos à noite
sem um adeus. A família se reúne, a clã,
para as antífonas, antes de a estrela aparecer.⁶

⁵ SCLiar-CABRAL, 1998, p. 15.

⁶ SCLiar-CABRAL, 1994, p. 95.



A contradição está expressa no oxímoro “reze sua prece descrente”. Mas minhas transgressões têm origem, também, no contexto histórico de minha infância, nos livros e atividades escolares impostos pela ditadura de Getúlio Vargas na década de 1930, do século XX.

Na ode “Ó Pátria amada”, eu glosei Hino à Bandeira Nacional, de Olavo Bilac,⁷ que era obrigatório nas escolas. Cantados por todas as crianças, nos estádios de futebol, durante a Semana da Pátria, à moda nazista, transformo, de forma irônica, o “amarelo” de verde-amarelo em “amarelão da verminose”:

Ó Pátria Amada

Sob o caramanchão de madressilvas
a mão decifra letras, os verbetes
através do Brasil, no dicionário
por que me ufano.

Como era rica e cheia de grandezas
a Pátria amada idolatrada verde
amarelão da verminose jeca,
olhos em gaza.

Salve o lindo pendão do desespero
dos pés descalços, bocas desdentadas,
brandindo as bandeirinhas no desfile
do pai dos pobres.

Já podeis da pátria livre dos ingleses
ver contentes dormentes carunchadas,
enferrujados trilhos a sucata,
matas queimadas.

Neste dia de glória e de penumbra
que vai morrendo com o hino ao sol,
as minhas mãos decifram os verbetes
num dicionário.⁸

Muitas vezes, trata-se de um clamor solitário, pois a transgressão se manifesta ao não aceitar as vozes dominantes que se chocam com princípios de justiça que defendo, como neste soneto pungente:

⁷ BILAC, 2000, p. 432.

⁸ SCLIAR-CABRAL, 2006, p. 62.



TAV

Arco-íris que liga céu e inferno,
percurso que eu percorro e me fraciona
já sem forças: o alento me abandona.
As gotas que eu verti sob o paterno
olhar em Santa Aliança no eterno
Pacto com D'us, no olvido desmoronam.
Eu indago: Por que me decepções?
Por que carrego a cruz no negro averno

de buscar meu espaço, conspurcando
cada palmo, com sangue de inocentes?
A estrela de Davi está chorando

e a arca tão sagrada se esconde,
cada vez mais, alheia, inclemente:
a voz dos patriarcas não responde.⁹

No derradeiro poema, porém, eu clamo que não perdi a esperança e, nos caminhos das *Sephirot*, percebo a luz que me conduzirá ao Paraíso:

Sephirot

Numa esfera perdida um paraíso
está à minha espera não sei quando
e eu vou galgando em círculos os ramos
secos de pomos.

Os meus cabelos brancos se emaranham,
disfarce dos espinhos ressequidos,
onde eu busquei romãs, maçãs e figos
do paraíso.

Perdida estou, jamais, porém, meu sonho
e a rasgada pele em gotas geme
as derradeiras gotas que alimentam
o que está morto.¹⁰

Nesse sentido, teci em meus poemas libelos contra a exclusão imposta à mulher judia de assumir o seu papel como cidadã, uma vez que nem o Pacto com D'us lhe foi concedido. Durante minha infância e adolescência, me foi vedado o *bar-mitzvá* e, em

⁹ SCLIAR-CABRAL, 2010, p. 141.

¹⁰ SCLIAR-CABRAL, 1998, p. 62.



consequência, não pude receber os ensinamentos e frequentar a escola para ter acesso à *Torá*, além de nunca poder usar os *tefilin*, ou o *talit*. Assisti em minha própria família, como se fosse uma desgraça, ao fato de primas minhas permanecerem solteiras. Mas minhas transgressões continuaram de forma candente e poética.

Referências

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *De senectute: erótica*. São Paulo: Massao Ono, 1998.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Memórias de Sefarad*. Florianópolis: Livros do Athanor, 1994.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *O sol caía no Guaíba*. Porto Alegre: Bestiário, 2006.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Sagração do alfabeto*. São Paulo: Scortecci, 2009.

VEIGA, Evaristo. *Hino da Independência*, 1822.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/05/2021.